

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 20 DE AGOSTO DE 1882 — N.º 26 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros, 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 r s

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Eino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS:—Os dois velhos guerreiros. O imperador Fernando I e os seus conselheiros. Dôr e fervor. A ultima impressão, (gravura do romance).
TEXTOS:—Actualidades, por Marcellino Mesquita. As nossas gravuras, por P. C. Domingo dos bebés, por Cypriano Jardim. Rosicler, por Cypriano Jardim. Antiquilhas, por Maximiliano d'Azevedo. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

Isto não é uma chronica, é um conto: e afinal talvez seja uma chronica e um conto.

Como todos os contos começam invariavelmente por «era uma vez», eu começarei tambem:

—Era uma vez um principe louro, que resolveu viajar, correr as suas terras, porque era rei de muitas, para julgar do amor dos seus vassallos, e afugentar o *spleen* que o invadia nos seus grandes palacios dourados.

Mandou preparar as suas carruagens salões, fez-se seguir das melhores matilhas dos seus cães de fero, para montarias provaveis, preveniu os condes e os grandes homens dos seus reinos, e um bello dia abalou. O comboio real corria com uma velocidade phantastica, lançando enormes borbulhões de fumo atravez de montes e campinas.

Os rouxinoes, pendurados pelas balseiras, perguntavam a sua magestade: —bello senhor, bello senhor, aonde ides? E El-Rei, arrastado pela velocidade phantastica da locomotiva, apenas tinha o tempo de lhe acenar com a mão, para o horizonte, como quem diz: para muito longe, muito longe!

E os rouxinoes, as toutinegras, os melros, seguiram em bando o comboio real, gritando para os vallados e pinhaes: vinde, vinde acompanhar o bello senhor, que vae para muito longe, muito longe!

O bando crescia e acompanhava voando o bello senhor, decabello dourado, n'um chilrear alegre, cheio de risos, de pequeninas gargalhadas, resaltando, discordantes, harmoniosas do murmuro confuso das azas.

O comboio para, enfim, junto d'uma casa abarracada, onde roncavam trombones e estouraram foguetes e muita gente de pé, gesticula com os chapéus, gritando: «viva o rei, viva o rei.»

Sua magestade desce e enquanto os pas-



OS DOIS VELHOS GUERREIROS

sares pouzam nos beirões dos telhados proximos, nas faixas que ladeiam a linha, por cima dos wagons, a philharmonica enudece, os foguetes calam-se e um homem de cabellos grisalhos, de vara em punho, sapato de fivella, calção, capa e bacalhau rendados, descoberto, abeira-se do bello senhor, curva-se beijando-lhe a mão.

Cinco homens, saem da multidão, n'uma encarnação identica e repetem a scena, enquanto o primeiro, perfilado, erecto, ajustando os olhos, espera o momento decisivo de manuscrito em punho e o pigarro explorador dos grandes actos.

O ultimo camarista endireitou a espulha, e a voz do presidente (já o adivinharam), começa com um ligeiro tremulo de commoção: «Real Senhor! É esta a segunda vez, que a nobre villa de Rachalobos, tem a honra de receber em seu seio, a augusta pessoa de vossa magestade. E com o maximo prazer, que os seus dignos habitantes correm ao encontro de vossa magestade, abrindo os corações como um homem só, para que n'elles entre a pessoa de vossa magestade e de toda a sua familia. (*Murmurio na assembleia; os passaros riem pelos beirões dos telhados*). Real Senhor; quando os reis como vossa magestade, são os paes dos pobres, os pobres de todo o concelho de Rachalobos, são filhos de vossa magestade».

O orador assôa-se: o escrivão diz para o pharmaceutico em voz baixa: que sucia de asneiras, ó Botelho!

— Que queres tu? aquelle alarve...

— Real Senhor! A sempre fiel villa de Rachalobos um dos baluartes da liberdade, veste-se de gala, enche-se de arcos de buxo, orna-se de bandeiras, para receber a vossa magestade, neto de seu excelso avô, isto é, do patriarcha da independencia da tyrania, o muito nobre e heroico senhor D. Peres IV, o inclito dador da Carta Constitucional, que felizmente nos rege.

(Ha uns frouxos de riso no auditorio; algumas vozes moderadas: *muito bem, muito bem*. Os passaros riem, riem...)

Nada mais faltava á nobre villa de Rachalobos do que a honra que vossa magestade lhe faz, tomando chá, esta noite, em seu seio.

A honra é tal, que eu assevero, com a minha boca, pelas bocas dos presentes e dos ausentes Rachalobenses, que ella ficará gravada no intimo dos nossos corações, como se fosse aberta com a pá de uma charrua.

Real Senhor! Diz a Biblia, ou o quer que seja, que n'outros tempos os corregedores ou alcaides traziam ao rei as chaves da villa. Esta, Real Senhor, não tem chaves. As chaves, sou eu, é a camara municipal, é todo este povo, que vos saudá pela minha bocca, dizendo: — gritou — viva Sua Magestade El-Rei.

— Vivó! responderam-lhe mil vozes. Os trombones roncaram, estalam os foguetes, a multidão continua o vivorio, e os passaros... os passaros, rebelam-se em convulsões de riso, pelos sulcos das telhas; então os melros, os melros que gargalhadas!

— Viva Sua Magestade El-Rei! repete-se com frenhez.

— Viva o sr. presidente da camara! grita esganiçado um official de diligencias.

— Vivó! respondeu-lhe umas cem vozes timidas.

— Vivó o raio que o parta, — interpõe do lado, um homem de uns sessenta annos, grisalho, a limpar o suor da testa com um lenço sarapintado de roxo, — inda honte me murrou lá a minha *Eszefa*, por pôr umas poucas de massarocas de milho á torreira, de frente da casa.

Sua magestade nada d'isto ouve, caminha seguido

pela multidão, repimpado na carruagem, de cavallos enfeitados d'azul e branco, de clinas entrançadas, penachos lazentes e rabos cobertos de fitas multicores.

Uma toutinegra pergunta: bello senhor, onde ides agora? A villa, responde attencioso o principe. A villa, á villa, gritam os passaros; como é bom, como é bom, á villa, á villa!

Esta ergue-se no topo d'um monte proximo, cercada de velhos muros esbroados e negros: os sinos da torre, agitam-se, viram-se, com um frenhez selvagem, batidos brutalmente pelos badalos, fazendo reboar, quebrar, perder-se pelas quebradas das serras, o som cavo das rijas gargantas de bronze.

É noite; o principe louro reclinase indolente na janella do quarto, na casa do morgado. É livre e só. Envolve-no o perfume agreste das balsas e os aromas balsamicos da madresilva. Os passaros estendem-se pela veiga, batidos pelo luar, n'uma serenidade inabalavel, concentrada. Ao longe os pinhaes agitam-se nos ápices dos montes, ondeando vagorosamente as enormes cabeças, n'um côro gemente, enorme, cavo, lembrando vagamente as rezas d'um mosteiro antigo, perpassando soturnas pelas naveas frias e humidas dos claustros.

O principe medita.

N'um loureiro proximo, um rouxinol começa timidamente um trillo grave e doce, cheio de anciedade e de esperanza.

O principe escuta. A voz do rouxinol, accentua-se timbra-se arrojadamente e uma corrente de notas, um *alegro* extraordinario, vivo, impetuoso, ardente, enche o valle, repercute-se, duplica-se, enroscando-se pelos caules rugosos dos carvalhos, perfumando-se nas corollas abertas das flores nocturnas e espraçando-se ao longe, como um leque tenuissimo, pela chá lisa das lezírias interminaveis.

O principe escuta.

O cantico da avesinha, a pouco e pouco, baixa. Um murmurio ideal, dulcissimo, vago, succede ao *alegro*. É' uma scena intima, um dialogo d'amor, soffreg, cheio d'auroras e beijos.

Apenas se escuta; adivinha-se, quasi. A lampada nocturna poupa a alcôa do namorado, a amante invisivel recebe as juras, os protestos, as caricias sublimes d'uma alma na transfiguração ideal dos desejos infinitos.

O principe escuta. A voz do rouxinol alteia-se, corre, treme, hesita, arroja-se de novo, de novo pára, humilha-se, engrandece-se, vacilla ainda, lucha, contorce-se, irrita-se: é verdadeiramente um combate, uma lucha horrivel, com todos os cambiantes, esperanças, receios, temores.

O principe escuta.

Começa a ouvir-se um cantico, pegado, triste, choroso. As notas saem graves, languidas, dolentes; passam devagar, arrastando-se como lagrimas, pelas cômas das laranjeiras, produzindo nas folhagens do arvoredo um sussurrar plangente, como que um soluçar intimo, comprimido.

O principe escutava arquejante. Tinha no rosto um suor frio, glacial. Parecera-lhe escutar dia a dia, a sua propria vida: as esperanças, as victorias, os amores, as luctas, as desillusões, as agonias.

O cantico esmorecia, como plangente *dies ira*, cheio de allivez e de lagrimas e perdia-se, perdia-se docemente n'um arquejar, successivamente decrescente, cheio de unção, de uma meiguice dolorosa, d'uma dogura infinita...

O luar bateu de chofre no loureiro, o rouxinol calou-se. O principe fechou a janella, desceu ao pomar: o rouxinol estava morto no chão! De cima, de

uma faia, um melro soltou uma gargalhada, homérica, estridente, incomparavel!

As aves seguiram o principe louro, por cidades e villas.

Nunca mais, desde essa noite, houve no seu rosto a alegria franca dos intimos prazeres. O ven de tristeza cobriu-lhe a face, o seu sorriso era a mascara que escondia, bem que mal, os negros da alma.

Havia uma voz que lhe segredava ao ouvido, um *vigilate* continuo e essa voz não era a de nenhum dos pagens, verletes, fidalgos, grandes homens da comitiva, era o canto singelo, de sublimidade e de angustia extraordinarias, do rouxinol moribundo no pomar do morgado.

O principe não ouve, mas escuta ainda.

Os pardaes, os reptis e os insectos aproveitaram a ausencia, nas eiras dos camponeses, que tinham ido ver o principe e fizeram n'ellas farta colheita de grão. O vento espalhou grande parte.

Eis o que resultou d'este conto: um principe triste e apprehensivo e um povo com menos pão.

Os passaros esses, riem, riem ainda, ao lembrar-se da viagem do principe louro e repetem entre gargalhadas estridulas as phrases do presidente: Real Senhor!

Adivinham a chronica?

MARCELLINO MESQUITA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Os dois velhos guerreiros

São dois heróes, está dito. Assim o declara Rotta, o auctor do quadro, e não queremos de forma alguma asseverar o contrario. Se o leitor nos dispensa de reproduzirmos mais uma vez as velhas banalidades sobre estas victimas da guerra, sobre estes intrepidos guerreiros, que deixaram as suas pernas em todos os campos de batalha da Europa, como dizia Calino, devemos declarar que nos inspiram tanto susto esses filhos de Marte, depois de velhos e coxos, como inspiraram, quando eram ageis e juvenis, aos inimigos derrotados.

Rotta, que deseja chamar toda a sympathia dos espectadores para os dois guerreiros do seu quadro, põe-os a conversar um com o outro, e assim realmente são bellos de ver. O coxo impinge ao das barbas a historia de Austerlitz, e o das barbas paga-lhe immediatamente com uma historia de Iena. Ah! mas quando é um profano que cae nas unhas de um d'esses alumnos de Bellona, o caso toma um aspecto verdadeiramente lamentavel.

Em geral o veterano assistiu a todas as scenas notaveis das batalhas em que tomou parte. O auctor d'estas linhas conhece pela sua parte dez ou doze veteranos que viram cair La Roche Jacquelin nas linhas de Lisboa, ninguem se pode gabar de não conhecer uma dezena de soldados que presenciassem o mesmo tragico successo. Sommando todos os que assistiram á morte do filho do Vendéano, chega-se á conclusão de que o exercito de D. Pedro estava todo em Campolide a ver cair á frente dos seus soldados o denodado fidalgo francez.

O veterano emenda sempre os historiadores. «Sabem lá como isso se passou, diz o veterano desdenhosamente, se eu vi!» E diante do depoimento da testemunha ocular, tudo se curva. Mas, Deus do céu quem menos vê o que se passa n'uma batalha é quem n'ella entra. O soldado vê o inimigo, ou antes via-o!

hoje o inimigo acha-se ao alcance das balas, mas fora do alcance da vista, vê pois ou via só o inimigo que tinha defronte de si, um aspecto restricto da batalha, um canto apenas d'esse vastissimo panorama. O «highlander» de Waterloo viu apenas os coureiros de Ney que lhe assaltavam o quadrado, e quantos milhares de homens n'um vasto campo de batalha se julgavam vencedores ou vencidos quando a batalha já está perdida ou ganha!

Depois em regra o veterano é sempre um heroe, porque adquire o mesmo aspecto belicoso o velho soldado que viu as batalhas detraz dos muros onde procurou seguro abrigo contra as balas e o veterano que esteve sempre no mais acceso do combate. E quantas vezes as multidões applaudem delirantemente o heroe das campanhas da liberdade, que passa ufano com as divisas dos longos annos de serviço, e que nos dias da lucta acompanhava as ambulancias!

E infelizmente são esses os que contam mais proximamente as suas campanhas, são esses os que viram cair La Roche-Jacquelin, são esses os que estavam ao pé de Sá da Bandeira quando elle perdeu o braço, ao pé de Saldanha quando as balas lhe mataram o sobrinho, ao lado de Santa Maria em Almoester, ou de Pacheco em Souto Redondo, e de Torres na Serra do Pilar, são elles os que viram o imperador nas linhas de Lisboa affagar as barbas de um soldado de caçadores 3, são elles os que assistiram, são elles os que emendam, são elles os que contam eternamente as suas batalhas e as suas façanhas!

Perdõem-me os intrepidos veteranos do quadro de Rotta este energico protesto contra os narradores de feitos completamente ineditos. Creio piamente que esses dois veteranos que conversam um com o outro são dois veteranos da velha guarda, que um perdeu a perna em Waterloo, e o outro assaltou os reductos de Moskowa ao lado dos intrepidos portugueses de Pego, e creio mais piamente, como os leitores decerto concordarão ao ver a gravura, que o quadro é excellente, e que o pintor Rotta não desmerece d'essa esplendida escola italiana, que foi no seculo xv a gloria e a maravilha da Europa artistica.

O Imperador Fernando I e os seus conselheiros

Figuram n'esta optima gravura, copia de um quadro do illustre pintor italiano, Cesar Fracassini, o imperador Fernando I de Allemânia, irmão mais novo do grande Carlos V, o cardeal Otto Truchsess, e o famoso Petrus Canisius, eloquente frade, que foi uma das glorias da Hollanda.

Fernando I é uma pallida figura, que mal se avista na historia ao lado da figura epica do grande imperador a quem succede. Ao menos, não procurou, como Philippe II de Hespanha, substituir a grandeza do heroe a quem succedia pela tyrannia lugubre e implacavel, e a purpura, que já não illuminavam os reflexos vermelhos das victorias, não quiz ao menos tingil-la, como o fundador do Ecurial, com o sangue rubro dos herejes.

Reproduziu admiravelmente o pintor italiano essa physionomia austriaca em que transparece uma como que a indecisão, mas que ainda conserva uns toques da physionomia de Carlos V. Sente-se no quadro que não é elle quem preside ao conselho, são os seus conselheiros que o dominam e dirigem, mas o imperador sabe escolhel-os e attendel-os, e já não é esse para quem reina pequeno merecimento.

O imperador Fernando I, que nasceu em Alcalá de Henares em 1503 e que morreu em 1564, era filho de Philippe o Formoso e d'essa pobre Joanna a

Doida, que tão doidamente amou seu ingrato marido, corria-lhe nas veias, como nas veias de Carlos V, o sangue portuguez. Effectivamente Philippe o Formoso, seu pai, era filho do imperador Maximiliano de Maria de Borgonha. O imperador Maximiliano era filho da princeza portugueza D. Leonor, irmã de Affonso V e mulher do imperador da Allemânia Frederico; Maria de Borgonha era filha de Carlos o Temerario e este filho da princeza portugueza D. Isabel, filha de D. João I e mulher de Philippe o Bom.

Assim pelo lado paterno duas princezas portuguezas tinham contribuido para formar o grande espirito de Carlos V, e o espirito menos brilhante d'esse imperador Fernando que a nossa gravura representa.

Vejâmos agora pelo lado materno. A mãe de Joanna a Doida era Isabel a Catholica e esta filha da princeza D. Isabel, filha do infante D. João e neta de D. João I.

Não é só Carlos V o homem notavel que se liga assim á raça portugueza; Manoel Felisberto de Saboria, vencedor de S. Quintino era filho da nossa princeza D. Beatriz, e no sangue de muitos outros homens illustres vamos encontrar, se nos dermos ao trabalho de investigar estas particularidades genealogicas, muitos globulos d'este bom e rico sangue portuguez.

Dôr e terror

Digam o que quizerem os materialistas, a religião hade ser sempre a grande consoladora da humanidade; a religião christã sobretudo, porque nenhuma outra offerece tantas imagens consoladoras, nenhuma impregna o seu culto em tão doces essencias de suavidade e de amor. O christianismo é a religião dos que padecem,

Qual de nós não tem sentido nas horas angustiosas da sua vida, a necessidade de orar? Qual de nós perante a insensibilidade brutal da natureza, que absorve na sua elaboração incessante o cadaver de um ente querido como absorve qualquer detrito insignificante, não tem sentido a necessidade irresistivel de appellar para uma consolação suprema, de pedir ás regiões resplandecentes de allem-tumulo a esperanza de encontrar ainda uma vez o que havia de puro e sublime n'essa creatura adorada? Qual de nós não tem sentido uma impressão profunda, quando, perseguido por alguma dôr cruel, por alguma lancinante anciedade, entra n'um templo antigo, n'algun d'esses templos como os sabia erigir a piedade dos nossos antepassados, onde as altas abobadas como que provocam no nosso espirito a sensação do infinito, onde os vidros corados projectam no chão de marmore como que os reflexos cambiantes das visões paradisiacas dos santos, onde ha o silencio imponente, onde como que se enroscam nas columnas as aspirações da fé, quem não tem sentido, n'esse meio-lão impregnado de solemnidade e de grandeza, o desejo de orar, de pedir a esse Deus que conheceu todas as dôres humanas, a essa doce Maria que teve todas as angustias da maternidade, a sua compaixão, o seu amparo, a sua protecção suprema? E depois de ter assim orado, por mais sceptico que se seja no curso ordinario da vida, sae-se mais consolado, sae-se como que seguro de se ter obtido o allivio para as nossas dores.

O pintor belga, a quem se deve o formoso quadro que a nossa gravura representa, comprehendendo admiravelmente este caracter especial do christianismo. Sente-se no rosto ainda banhado de lagrimas d'essa mulher que padece e que veio procurar na

igreja a consolação e a esperanza, que já penetrou no seu espirito a benefica influencia das crenças religiosas, que já choveu sobre ella d'essas abobadas sublimes, d'essas columnas que se perdem ao longe na sombra, d'esses altares onde brilham nos quadros dos grandes mestres as scenas do drama evangelico, d'essas estatuas da Virgem que parece sorrir com os olhos cheios de lagrimas para os que a imploram, o balsamo consolador da fé, e que a luz que se cõa, iriando-se de mil côres, atravez das altas vidraças, lhe trouxe, entre os seus raios, esse raio do sol divino, que se chama a esperanza.

O DOMINGO DOS BÊBÊS

SERÕES HONESTOS

(Contos)

A RAINHA ABSOLUTA

A Lina protegia o Luiz, mas era uma despota!

Ninguém negava que ella fosse, realmente, muito amiga do irmão... isso todos o confessavam... até se concordava em que ella tratasse d'elle; a Lina tinha já sete annos, era uma mulhersinha, e o pequeno não tinha senão tres... precisava, na verdade, de quem o guardasse, quem velasse por elle... que o não deixasse subir á borda do poço, nem apañhar sol todo o dia, nem comer a fructa verde, que faz muito mal...

Mas assim?... aquillo tambem, era demais!... ella abusava! O pobre Luiz não podia fazer a mais pequena maldade, que não fosse logo muito reprehendido pela Lina, com grandes vozes de censura, ralhos fortes, que o deixavam muito triste, muito admirado d'aquellas furias da irmã...

Até o Valente se admirava d'aquillo, e bem se via que não gostava nada dos exageros de auctoridade da Lina; o Valente muitas vezes bem tinha visto o que o Luiz fizera, mas não lhe parecia tambem, ao Valente, que a coisa fosse para tão grandes reprehensões da irmã, que tinha occasiões de ficar mais de cinco minutos a ralar, obrigando o irmão a estar muito quieto, muito calado, sentado n'uma pedra, direito... sem se mexer... uma tyrania!

Quando isto acontecia, era exactamente que a Lina tinha furias maiores; porque o Valente, logo que o pobre Luiz era posto, pela irmã, em cima da pedra, com prohibição de se tirar d'alli, o Valente ia deitar-se ao pé do Luiz, e deixava-se tambem ficar muito serio, muito severo a olhar para a Lina, com um ar de quem lhe dizia:

—Tu castigas teu irmão, sem justiça? pois eu tambem quero ser castigado com elle!... Feia!

E então a Lina ficava furiosa, com uma grande vontade de lhe bater, de lhe trincar as orelhas... mas continha-se... disfarçava... porque... porque, afinal de contas, ella tinha medo do Valente...

O que já não acontecia com o Luiz, que fazia tratos ao cão. Quando o via, todo estendido no chão, á sombra, deitava-se lhe em cima, arrepejava-lhe os longos cabellos assetinados das orelhas, mettia-lhe as mãos ambas na grande boca aberta, puxava-lhe pela lingua pendente com o calor—tudo quanto queria! E o Valente soffria tudo aquillo ao Luiz, e não fazia nada! Baloçava a cada, muito devagar, muito sereno... até parecia que gostava d'aquellas maldades do Luiz...

A Lina tinha tentado, por varias vezes, fazer o mesmo ao Valente; mas elle, logo que ella lhe pegava nas orelhas, erguia-se muito serio, brusco... e ia deitar-se a uma certa distancia, mostrando-lhe que não estava para brincadeiras com ella—que não queria dar-lhe confiança...

A Lina, então muito despeitada:

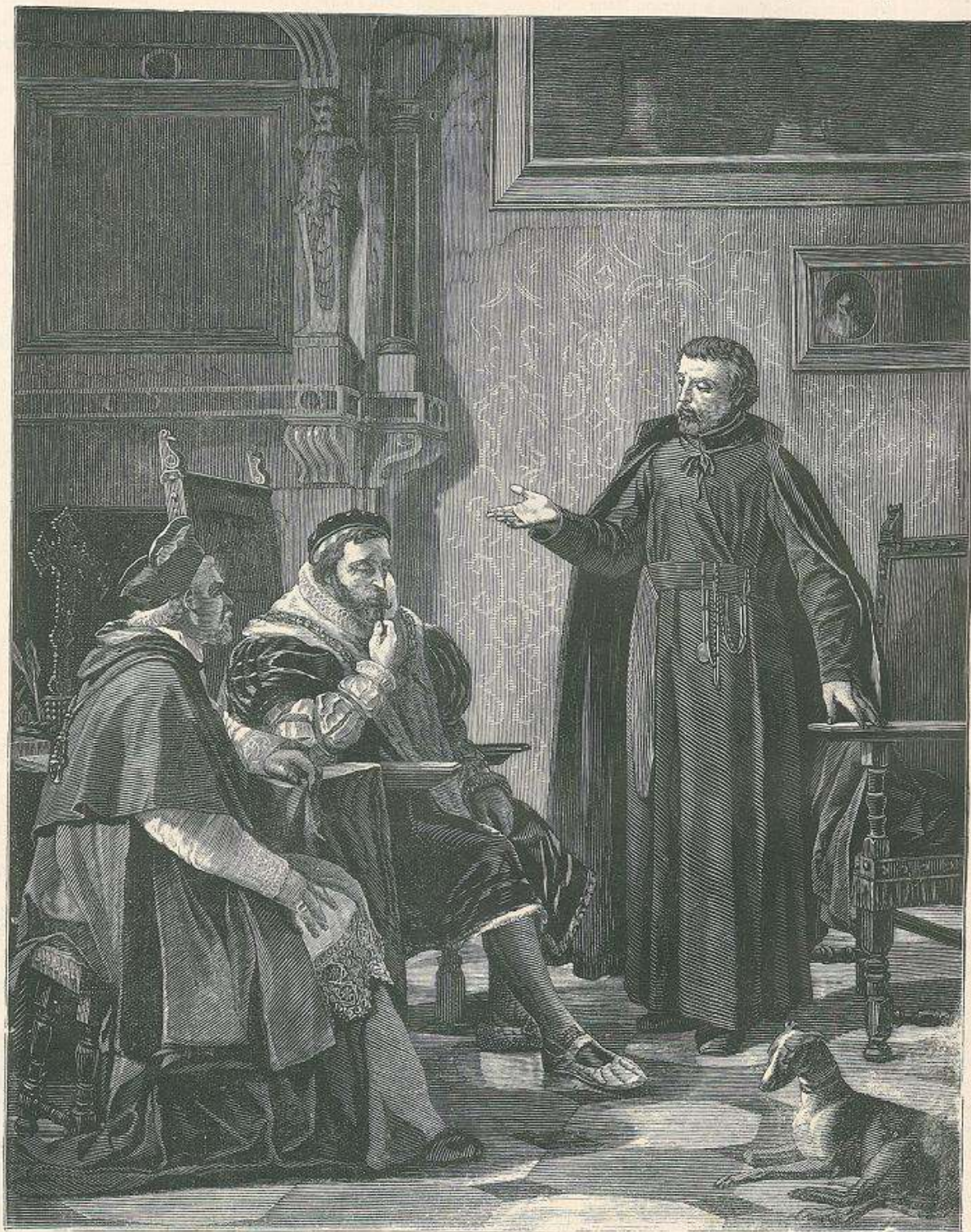
ciencia muito descansada na justiça do seu procedimento...

Mas aquillo não podia continuar assim...

A Lina queria ser rainha absoluta, e o Valente não deixava; antes pelo contrario, o Valente, ás

familia da Lina estava toda a ares na Outra Banda. Habitavam uma casa em Palença de Cima, d'onde se avistava a cidade; ao fundo da quinta ficava a praia dos banhos; um bonito sitio...

A's vezes a Lina e o Luiz iam passear pela quinta; o dono da propriedade, muito amigo d'elles, enchia-lhes os lenços de fructa; peras muito grandes, mui-



O IMPERADOR FERNANDO I E OS SEUS CONSELHEIROS

—Bem sei, dizia: tens inveja por me veres mandar no Luiz!... querias ser só tu a guardal-o! pois estás enganado, que eu é que sou irmã d'elle, e tu não! Entendes? entendes?

O Valente bem entendia, mas não fazia caso nenhum do que ella pregava: continuava sempre no seu systema, impassivel, sereno, com a sua cons-

vezes, mostrava-lhe, provava-lhe que podia mais do que ella! um atrevido! um descarado que até parecia rir-se, com ar de mangação, quando ella se voltava fúla para o irmão, a dizer-lhe muito encolerizada:

—O' Luiz!—olha que eu é que sou tua irmã!

Quando succedeu o caso que vamos contando, a

tas, o que fazia nos lenços um peso enorme. A Lina pegava em ambos os lenços,—o Luiz não podia com o seu—e queria levá-los para casa; mas ao cabo de alguns passos: ficava toda cansada, e punha-os no chão, para descansar... mas tornava-se logo furiosa...

Porque o Valente, mal ella punha os lenços no

chão, saltava de lá, pegava com os dentes no do Luiz, e partia com elle, adeante, muito lepidio, muito contente, por fazer ao Luiz aquelle serviço, que a Lina não lhe podia fazer! tinha de o confessar... que raiva

E chamava-o então com voz imperiosa, ordenava-lhe

—Nada! Era demais!... não podia ser!

O Valente, se continuava assim, roubava-lhe toda a importancia, toda a sua auctoridade... Era preciso provar á mamã um grande crime qualquer do Valente, que lhe tirasse todo o prestigio, todo o valor aos olhos do Luiz, que até já parecia que gostava

Uma tarde foram á praia, com a mamã e as criadas. O Luiz queria pedrinhas vermelhas e brancas, e todos começaram a apanhar pedrinhas para o Luiz.



DOR E FERVOR

que largasse o lenço, gritava-lhe, atirava-lhe pedras como os garotos, mas elle... nada! elle lá ia adeante muito ufano, muito orgulhoso, em quanto o Luiz batia as palmas contentíssimo, por ver o Valente a levar-lhe o lenço tão bem, tão direito, que não se entornava nem uma pera só!

Então a Lina, muito decidida, que:

va mais do cão do que d'ella... — que era sua irmã!—

E poz-se a meditar, a parafusar no que havia tido fazer para afastar, para destruir aquella rivalidade de poder... aquelle senhor... que lhe entrava assim pelas suas atribuições e regalias de rainha absoluta...

Ora a Lina bem sabia, que o lenço do Luiz havia de ser levado pelo Valente... e porisso, enchendo-o muito... querendo dar todas as pedrinhas ao irmão, ella fazia-o com um fim terrivel... mysterioso... ella queria ver se o Valente, no caminho cançava, e não podia com elle... isso é que era bom!...

Logo que se encheram os lenços, o Valente, na

sua obrigação do costume, pegou no do Luiz e partiram todos para casa.

O Luiz ia adeante pela mão da mãe, e a Lina, mais atrás, muito calada, ia com uma grande zanga concentrada, a ver que o senhor Valente... não se cansava nem nada! Muito satisfeito, aos pulos, a correr, e a voltar... sem lhe custar aquillo coisa nenhuma!...

Parecia que adinhava... o infame! E já ia perdendo toda a esperança de comprometter o seu rival, quando de repente, muito proximos de casa, o Valente larga o lenço no chão, e parte a correr atrás de um gato que, com o pello todo eriçado, a bufar muito, subiu apressado por um damasqueiro acima, a encarrapitar-se no ramo mais alto, em quanto o Valente furioso, punha as mãos no tronco da arvore, ladrando desesperado...

As pedras, quando o cão largou o lenço, espalhar-se todas pela terra, e o Luiz tinha ficado muito triste a olhar para aquillo...

A Lina viu chegada a occasião... aproveitou-a logo:

—Vê, mãe! Vê? aqui está o caso que o Valente faz das coisas do mano! Atirou tudo fora!—Eu é que não fiz esta maldade!... Eu cá... sou irmã d'elle... e o Valente não! Bem se vê!

A mãe ouviu-a, e rindo:

—Bem se vê! Bem se vê que não conheces aquelle gato!... pois não te lembras?

A Lina então lembrou-se, e ficou toda envergonhada... corrida...

Aquelle gato arranhára o Luiz na cara, um dia em que elle lhe puxara as orelhas, como fazia ao Valente... D'esde aquelle dia, o Valente ficara com um grande odio ao gato, e para vingar o Luiz perseguia-o, corria-o mal o avistava...

Portanto o Valente, provando a sua amizade e dedicação ao Luiz, mais uma vez tinha razão, e a Lina mais uma vez ficara vencida, nas suas grandes intrigas contra o seu adversario.

Mas um tal estado de coisas não podia durar muito.

Era preciso que a guerra acabasse por uma vez; ou teria de haver uma victima, ou então havia de fazer-se a paz, que foi o que succedeu.

Certo dia, depois do jantar, n'um comoro proximo da casa, procedia-se á construcção d'um grande forno, onde deviam ser assados dois bons marmellos achados n'uma loja... Eram para o papá, quando voltasse de Lisboa...

A Lina cavava, furava, abria a abobada... e o Luiz accarretava gravetos para fazer a fogueira interior que devia aquecer o forno.

Uma boa construcção...

O Valente como de costume, deitado proximo d'elles, erguia de vez em quando a cabeça, para ver o estado da obra.

O Luiz ia e vinha com as suas grandes braçadas de fetos e rosmarinho secco, e a Lina, toda entregue ao seu trabalho de pedreiro, nem sempre reparava nas caminhadas, ás vezes longas, do irmão.

D'uma vez o Luiz desapareceu por detraz d'uma moita, e a Lina sobresaltada chamou-o, e ergueu-se logo afflicta...

Mas já não ia a tempo; n'aquelle momento o Luiz debruçava-se mais para apanhar um ramito secco, faltava-lhe um dos pés, e elle começava a rolar, a rolar por ali abaixo!

Depois a morte! Lá ao fundo da ribanceira o rio! o Tejo a uma profundidade enorme!

A Lina deu um grande grito, quiz correr ao irmão, tropeçou, e caiu de bruços no momento em que o Valente, n'um salto enorme, passava por cima d'ella.

Passado um instante o cão, com o Luiz seguro pelo fato, firmava-se nas mãos com um grande esforço, e recuava... recuava devagar, arrastando a creança para cima. O Luiz estava salvo! salvo pelo Valente!

Momentos depois a mãe, que ouvira da porta de casa, o grande grito da Lina, chegava afflicta, e parava a ver... a olhar para os tres, sem perceber bem o que fôra.

O Luiz estava estendido no chão, muito branquillo, passado do susto, e ao pé d'elle a Lina abraçada ao Valente, chorava silenciosa, dando muitos beijos carinhosos na grande cabeça felpuda do animal...

Estava vencida, e estavam feitas as pazes, uma paz eterna, entre a Lina e o Valente!

À noite, quando o pae chegou da cidade, contou-se-lhe o caso: e elle sorrindo, para a Lina:

—Ah! tens! querias ser rainha absoluta? não pôdeser! no regimen constitucional da carta, é sempre preciso o governo, o forte; tu, minha pequena: serás rainha constitucional! Reinas, mas não governas!... Percebes?

A Lina não percebeu... mas riu-se: o que ella percebia perfeitamente, era que devia consagrar ao Valente uma afeição eterna, porque o Valente era um verdadeiro amigo, que salvara da morte o Luiz...

—apezar de não ser irmão d'elle!

CYPRIANO JARDIM

ROSICLER

O DIOGENES

Lá está o Oceano alem; largo e sereno,
Sempre sósinho a conversar consigo...
Parece um pária que não quer abrigo,
Porque tudo no mundo acha pequeno!

A's vezes, elle canta um surdo threno,
Tristonho como a reza d'um mendigo:
E dá seu largo manto, para abrigo,
Aos que morrem bebendo... ebrio Sileno!

Repleto d'ironias, e de fel,
Parece o sabio grego no tonel,
A' espera que lhe vão pedir conselho...

Pois bem!... já que eu na terra em vão procuro
Quem me esclareça as coisas do futuro
Vou ver o que me diz aquelle velho!

CYPRIANO JARDIM.

ANTIGUALHAS

A empreza do theatro do Salitre, em 1804.
Uma escriptura de actor

(Continuado do numero anterior)

Manique nunca morrera de amores pelo theatro do Salitre. Fora este construido, conforme consta

das *Memorias* de Volkmar Machado em 1782, pelo celebre scenographo architecto e machinista de theatro, o já mencionado Simão Caetano Nunes, para um tal Terzi fazer ali os seus equilibrios. Fallando a respeito do theatro do Salitre em 1792 dizia o intendente: que o local onde estava situado reman, que a rua não tinha boa serventia, que havia uma só porta de entrada para a plateia e para os camarotes, sendo a escada apertadissima. Os corredores eram muito estreitos. O edificio não tinha ali-cercos e estava construido apenas sobre paus cavados na terra «Na ultima inspecção que n'elle mandei fazer, continuava elle, declararam os mestres da cidade e architectos que não podia subsistir por mais de 2 annos, incluindo aquelle em que passaram a mesma vistoria, sem embargo de lhe mandarem fazer interina para aquelle anno a obra de segurança, que praticaram na mesma occasião.»

Bem sei que o edificio fora renovado em 1794, e transformado no que mais tarde veio a chamar-se theatro das Variedades Dramaticas: ainda assim Manique, tendo que optar por algum dos dois par-dieiros, inclinava-se um pouco para o da Rua dos Condes.

«A intriga que domina estas gentes, explicava o funcionario de policia, é fundada na ambição de uma e outra parte, e o publico é que sente os effeitos em não ter theatro nacional, onde se entrete-nha.» Diz que se deveria determinar que nos theatros do Salitre se representassem as magicas, e dar uma decisão consentanea com o requerimento de Paula, não se concedendo, no caso de cada empresario ficar com o seu theatro, que os actores podessem escripturar-se em theatro differente d'aquelle em que tivessem representado em 1803, nem que tão pouco vencessem ordenados superiores aos antigos.

Não consta dos papeis da intendencia geral de policia hoje existentes na Torre do Tombo, qual fosse a solução d'este pleito.

Na *Historia do Theatro Portuguez*, a pag. 43 do terceiro volume, diz o sr. Theophilo Braga, que Antonio José de Paula teve o theatro do Salitre desde 1793 ou 1794 até 1804. O erudito lente do curso superior de letras foi enganado pelos informadores a que recorreu, segundo acabo de mostrar, baseando-me em documentos officiaes e irrefragaveis.

Conta o mesmo escriptor, um pouco mais adiante, que a empresa do Salitre passou em 1804 para o letrado Joaquim Francisco Nossa Senhora e Manuel José Fernandes, que continuaram a exhibir espectaculos riquissimos, chegando a dispendir no scenario quasi dois contos de réis.

Sendo verdadeira como creio, esta asserção, que o illustre professor aproveita da *Revista do Conservatorio* do anno de 1842, segue-se que o resultado da contenda dos empresarios foi analogo ao de uma fabula de Phedro, verificando-se mais uma vez o *tertius gaudet*.

A escriptura de actor que acompanhava o officio de Manique é de José Joaquim d'Arsejas.

Ao obsequio de um antigo artista dramatico actualmente escripturado no theatro de D. Maria II, o sr. A. Xavier de Macedo, devo algumas informações acerca de quem fosse José d'Arsejas.

Se é hoje ingrata a profissão do actor, pois que a sua obra tem um caracter essencialmente ephemero, quanto mais o não seria no tempo em que os meios de publicidade eram nullos ou limitadissimos, de modo que para os vindouros nem ao menos ficava o

nome de artista, por mais distincto que elle fosse?

Conversando eu ha poucos dias com um dos nossos actores mais distinctos, fallei-lhe em Arsejas. Não sabia que houvesse existido comediante assim chamado.

Poucas pessoas o saberão, e todavia, José Joaquim d'Arsejas foi o mais afamado actor portuguez da sua epocha.

Até aos sessenta annos representou galãs, na rua dos Condes e no Salitre. Depois, quando a idade lhe roubou de todo as seducções inherentes ao genero que cultivava, resignou-se a representar os papeis centraes.

Era elle que fazia Afonso IV da *Nova Corte*, de João Baptista Gomes Junior. Os seus gestos, a sua voz, os seus passos enormes e estudados enchiam o palco: quando elle estava em scena não se via nem ouvia mais ninguém!

E quando dizia com ares mysteriosos, e ademanos adequados:

—Espera e reflexiona!

A epocha era de exaggeração na arte de representar, contudo Arsejas ia mais longe do que todos os outros, e alcançava por isso ovações delirantes.

Ainda ho e, quando entre antigos actores se quer affirmar que algum artista exagera, diz-se que é da *escola* de Arsejas.

(Continua)

MAXIMILIANO D'AZEVEDO.

UM PASSADO TENEBROZO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 200)

Aubry Beaubourg sorriu... mas com que sorriso para quem lhe comprehendesse a significação! No dia seguinte partiram de manhã, e ás nove horas e meia da noite chegaram ao seu destino. Donaciano dirigiu-se para um hotel, onde já tinha estado, e Beaubourg despediu-se dizendo que ia para Mendon, mas pedindo que o esperasse de manhã.

O visconde ceiou laudamente, dormiu com todo o socego, acordou satisfeitisimo, e quando mal esperava, bateram-lhe á porta:

—Ha de ser Beaubourg! disse elle indo abrir.

—Entraram tres homens no quarto, e um d'elles mostrando uma facha tricolor, pronunciou estas palavras:

—Em nome da lei venho prender Claudio Péchel, que diz ser o visconde Donaciano de Monaville.

O miseravel sem poder explicar como se passara tudo aquillo, viu a um canto da porta um quarto personagem, que reconheceu logo. Era Carlos Brozier, de quem Beaubourg tinha fallado a Valenson e Morlant.

Carlos Brozier disse apenas ao commissario de policia:

—E' elle, não ha duvida nenhuma.

EPILOGO

Se o processo de Claudio Péchel fosse julgado em uma cidade importante, com certeza teria tido grande celebridade; mas como não foi possível conven-ter o accusado senão do crime de Varisoul, teve de

ser julgado no tribunal competente, isto é, n'uma povoação de terceira ordem.

O nosso heroe continuou a representar o seu papel com a audacia e habilidade, que lhe conhecemos. Era o verdadeiro visconde de Monaville; podia provar a sua identidade por documentos authenticos e por numerosas testemunhas; entre elle e o homem, porque o tomavam, só havia de commun uma extraordinaria similitude de rosto e de figura. Quando lhe objectavam que o nome que usurpava, e os documentos que invocava, eram provenientes de um crime horroroso praticado por elle na Sicilia, respondia summariamente: E' certo que foi atacado por dois malfeteiros na *Valleta d'Acarra*, os quaes tinham morto o seu creado, como refere o marquez G. de B; mas quanto a elle, visconde, ponde escapar-se são e salvo, e resolveu aproveitar o boato da sua morte para desmanchar um casamento que ia contrahir sem ser por sua vontade.

Baseava-se na circumstancia de não ter apparecido o cadaver do visconde, e allegava razões, accetaveis na apparencia, para deixar correr na Sicilia a noticia de que tinha morrido. No tocante á accusação de traição e espionagem, negou tudo, e achou resposta para tudo.

Desgracadamente para elle não só Carlos Brozier, mas o segundo cúmplice, trazido ao tribunal, persistiam em apontar-o como auctor do assassinio perpetrado no castello de Varisoul. O sapateiro Daniel Chouzé, a quem foi permitido tornar a entrar em França, tambem o designava formalmente como sendo o homem que vira primeiro no Castello de Blaison, e depois vira disfarçado em varios logares, em companhia d'outro, cuja descripção era a de San Marco.

Emiliana de San Clemente affirmou que era o mesmo sujeito, a quem sua tia dera hospedagem em attenção ao titulo com que se apresentava, e ás rellações que dizia ter.

Todos os que tinham conhecido Claudio Péchel juravam que era o mesmo, e os que conheceram o visconde de Monaville diziam apenas que se parecia com o accusado.

Depois de seis mezes de trabalhosas investigações, Claudio Péchel compareceu no tribunal, onde conservou o mesmo sangue frio, continuando a affirmar que era o visconde Donaciano da Monaville.

Eram já terriveis as provas, que se apresentavam contra elle, quando entrou na audiencia Heitor Valenson, carregado n'uma cadeira por dois homens, e acompanhado da viuva Péchel e de Morlant:

O que se passou então na alma do homem do *Passado tenebrozo*? O certo é que elle ergueu-se, e dirigindo-se ao juiz na mais viva agitação, exclamou:

—Senhor confesso...

—O que?

—Confesso tudo. Sou Claudio Péchel. O libello accusatorio diz a verdade... Sou um grande criminoso, ainda maior do que se julga... Ha quinze dias que não durmo, que tenho visões horribas, que uma voz interior me impelle a tirar de sobre a consciencia o pezo que a opprime... Tenho resistido; mas agora, deante d'aquella, que me creou, deante do homem que reduzi ao estado lastimoso em que o vedes, não posso abafar por mais tempo o grito da verdade... Oxalá que a minha sinceridade possa grangear-me, não a indulgencia dos homens—sei que é impossivel—mas a misericordia de Deus!

Ditas estas palavras, cujo effeito é indescritivel, o accusado sentou-se de cabeça pendida, o rosto occulto pelas mãos, e ficou immovel como uma esta-

tua. O advogado que trazia preparada uma longa oração, limitou-se a dizer poucas palavras. O ministerio publico tambem foi muito breve. A memoravel audiencia terminou por uma sentença de morte.

Concluido o negocio, Aubry Beaubourg, cujo depoimento durou uma hora e que tinha recebido as felicitações do juiz, exclamou radiante:

—E' o maior dia da minha vida! Tambem eu já posso morrer!

Como o reo não appellou da sentença, a hora da sanguinolenta expiação não devia demorar-se muito.

A confissão, que o criminoso fez em presença do tribunal era um indicio de que estava arrependido, e sentia remorsos da sua vida patibular. Muita gente duvidou da sinceridade do arrependimento, que, apesar d'isso, eram reaes, e foram plenamente justificados durante os ultimos dias de Claudio Péchel. Caido em profunda tristeza completou a primeira declaração e descobriu a morte de San Marco.

Mas... ponhamos ponto nas divagações. Limitemos-nos a dizer que o paciente subiu o cadafalso, cheio de coragem pelo braço do sacerdote que lhe assistia á hora da morte; mas chegado é plataforma caiu repentinamente desmaiado...

Tinha reconhecido que um dos ajudantes do carrasco era Justino Guipot, irmão de Paulina, que n'um tom de zombaria horroroso, lhe disse:

—Quem te havia de dizer, hein, meu querido cunhado?... Mas não te afflijas... sou eu o encarregado da operação, e prometto-te servir-te como amigo.

A expressão da physionomia do paciente infundia o maior dô; não se pode affirmar contudo que elle tivesse ouvido distinctamente as palavras de Justino Guipot, porque parecia já privado da vida; quando o executor da justiça descarregou sobre a sua cabeça o golpe mortal.

E' já passado um anno desde que o marido de Paulina recebeu o justo castigo do seu *passado tenebrozo*.

Durante esse intervallo morreram, torturados de desgosto Justino Desherbiers e sua mulher Euphrasia.

Paulina, depois das tribulações que padeceu, com uma resignação verdadeiramente evangelica, foi habitar no castello de Tony-les-Reims, junto de Heitor Valenson, que a adoptou por filha, e a quem ella, como nova Antígona, prodigalisava todos os carinhos e cuidados.

René Morlant voltou a exercer a sua nobre profissão em Paris depois de ter, ainda com o auxilio de Aubry Beaubourg, feito prender e julgar Vital Mallescot e Gaulo Gihaltar, um dos quaes foi novamente degradado para Cayena, e o outro para a Numéa.

O advogado para recompensar os serviços de Celestina de Trenoy, confiou-lhe o governo de sua casa. Fez com que Julio Barthenoy desse baixa e nomeou-o seu secretario. O ex-official do batalhão dos Hussars, depois de ir frequentes vez a Tony para ver Paulina de quem se enamorara loucamente, teve o desgosto de ouvir dos labios da mulher amada que era sua resolução inabalavel não contrair segundas nupcias.

Mercê da companhia e sollicitude de Paulina, juntamente com a vida estudiosa, que levava o homem sem pernas, vive tão feliz quanto se pôde ser nas suas desgraçadas condições. Dedica-se principalmente ao estudo da phrenologia, sciencia para que

revelava o mais decidido pendor durante a sua mocidade.

O estudo do cráneo de Claudio Péchel veio despertar-lhe o gosto, que estava ha muito adormecido.

Por um extravagante capricho Heitor Valenson diligenciara obter os restos do suppliciado, e alcançou o seu desejo.

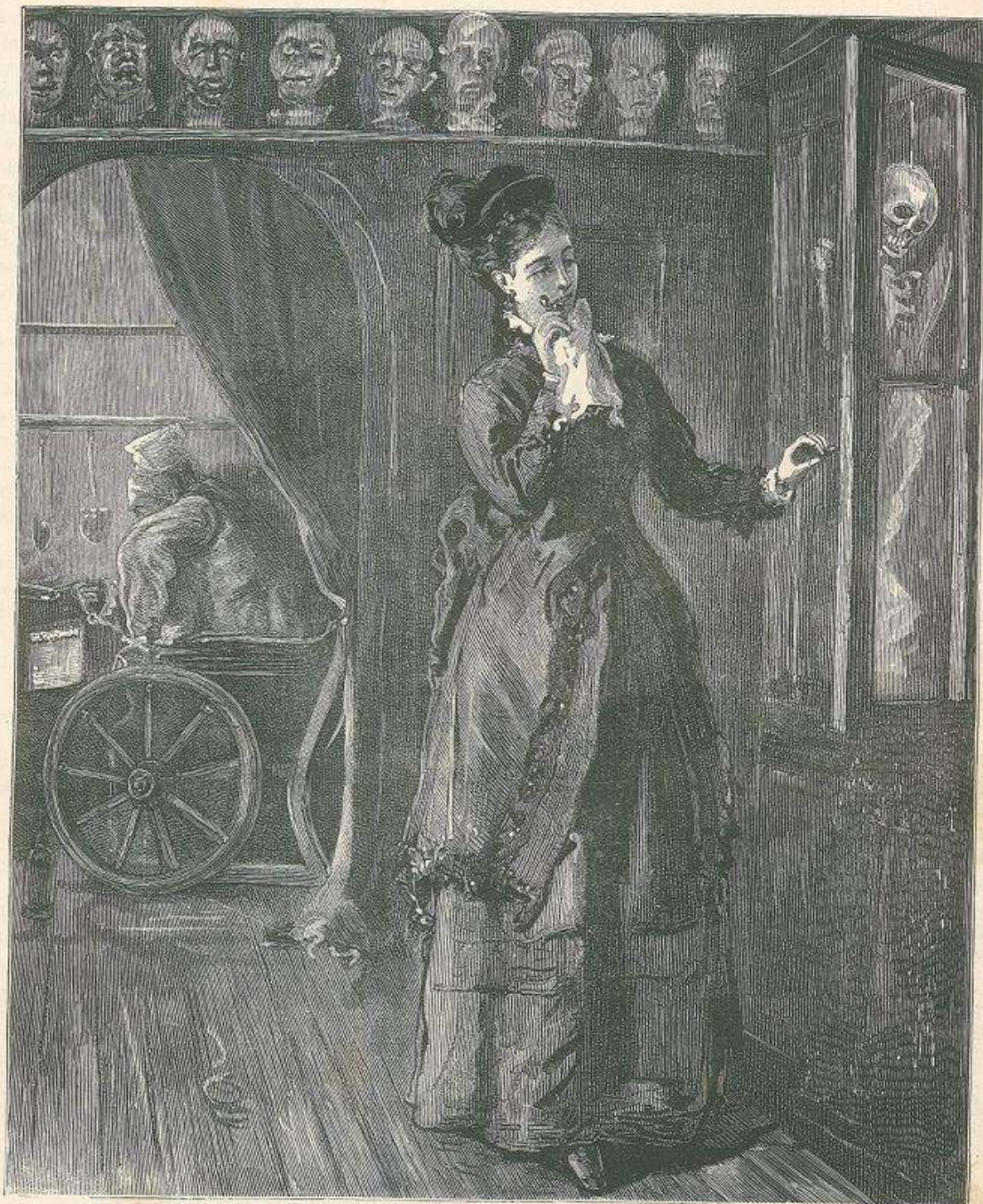
Tem um gabinete adornado com os bustos de todos os grandes facinoras e criminosos, e no quarto

de da pobre viuva, que até ali tinha evitado sempre entrar no laboratorio, porque lhe parecia que o amputado não gostava que se fizesse o contrario. Além d'isso, o que via quando passava pela porta, e as operações a que procedia Heitor Valenson, não tentaram muito o desejo de analysar.

Mas voltando um dia do passeio, encheu-se de animo e entrou sob pretexto de fazer uma comunicação ao amputado. Encontrou-o deante de um

sobre aquella reunião de ossos, que já foram vestidos de carne, que tiveram movimento, que alojaram a medulla e o cerebro de uma creatura humana, lançava-lhe o espirito n'um oceano revoltado de opiniões encontradas.

Tremia toda; mas venceu-se, e aproximou-se do armario. N'um dos vidros estava pregado um papel com um distico. Paulina aproximou-se ainda mais—e leu um nome!...



UM PASSADO TENEBROSO — A ultima impressão

contiguo ha uma especie de laboratorio, em que elle se occupa de toda a sorte de experiencias chemicas, physicas, etc.; ninguém entra lá senão João Rotentout.

Anna Péchel, a velha governante, horrorisa-se até em ouvir fallar em semelhante quarto, nunca passa por elle sem tremer. Interrogada a esse respeito por Paulina, limitou-se a dizer:

—Ha lá coisas horribéis! o sr. Valenson sempre tem cada idea mais exquisita!

Estas palavras excitaram vivamente a curiosidade

de da pobre viuva, que até ali tinha evitado sempre entrar no laboratorio, porque lhe parecia que o amputado não gostava que se fizesse o contrario. Além d'isso, o que via quando passava pela porta, e as operações a que procedia Heitor Valenson, não tentaram muito o desejo de analysar.

Mas voltando um dia do passeio, encheu-se de animo e entrou sob pretexto de fazer uma comunicação ao amputado. Encontrou-o deante de um

sobre aquella reunião de ossos, que já foram vestidos de carne, que tiveram movimento, que alojaram a medulla e o cerebro de uma creatura humana, lançava-lhe o espirito n'um oceano revoltado de opiniões encontradas.

Tremia toda; mas venceu-se, e aproximou-se do armario. N'um dos vidros estava pregado um papel com um distico. Paulina aproximou-se ainda mais—e leu um nome!...

FIM